



TAYARI JONES  
um casamento  
americano

"Um retrato emocionante das consequências de uma condenação injusta na vida de um jovem casal afro-americano."

— BARACK OBAMA

UM



A música da ponte

# ROY

**E**XISTEM DOIS TIPOS DE PESSOA NO MUNDO: as que saem de casa e as que não saem. Sou um orgulhoso membro da primeira categoria. Minha mulher, Celestial, costumava dizer que no fundo eu sou um garoto do campo, mas jamais gostei desse rótulo. Para começo de conversa, não sou do campo propriamente dito. Eloe, na Louisiana, é uma cidade pequena. Quando você ouve “campo”, pensa em coisas como plantar, enfardar feno e ordenhar vacas. Jamais colhi um único tufo de algodão, embora meu pai tenha feito isso. Nunca toquei num cavalo, numa cabra ou num porco – nem tenho vontade de tocar. Celestial ria, explicando que não queria dizer que sou um fazendeiro, mas simplesmente do campo. Ela é de Atlanta, e eu poderia argumentar que também é do campo. Mas ela diz que é uma “mulher do Sul”, o que não deve ser confundido com “donzela do Sul”. Por algum motivo ela aceita ser chamada de “pêssego da Geórgia”. E por mim tudo bem, então é isso.

Celestial se considera uma pessoa cosmopolita, e não está errada. Mas dorme toda noite na mesma casa em que cresceu. Eu, por outro lado, fui embora na primeira oportunidade, exatamente 71 horas depois de terminar o ensino médio. Teria partido antes, mas o ônibus não parava em Eloe todo dia. Quando o carteiro entregou à minha mãe o cilindro de papelão contendo meu certificado, eu já tinha me mudado de mala e cuia para

o alojamento do Morehouse College, num programa especial para bolsistas de primeira geração. Fomos convidados a chegar dois meses e meio antes dos outros, para conhecer o lugar e nos inteirar do básico. Imagine 23 jovens negros assistindo sem parar a *Lute pela coisa certa*, do Spike Lee, e *Ao mestre, com carinho*, com Sidney Poitier, e você vai ter uma ideia do quadro geral – ou não. Doutrinação nem sempre é algo ruim.

Durante toda a vida tive a ajuda de programas de apoio, começando quando tinha 5 anos, e não parei mais. Se eu tiver filhos, eles poderão pedalar pela vida em uma bicicleta sem rodinhas, mas eu gosto de dar o crédito a quem ele é devido.

Foi em Atlanta que aprendi as regras, e aprendi rápido. Nunca fui nenhum idiota. Mas sua terra natal não é o lugar onde você *aterrissa*; é o lugar de onde você *decola*. Você não pode escolher o lugar onde nasce, assim como não pode escolher sua família. No pôquer, você recebe cinco cartas. Pode trocar três, mas as outras duas ficam com você até o fim: a família e a terra natal.

Não estou falando mal de Eloe. Obviamente existem lugares piores; qualquer um que tenha consciência do quadro geral consegue ver isso. Para começo de conversa, sim, Eloe fica na Louisiana, e não num estado cheio de oportunidades, mas ainda assim fica nos Estados Unidos, e se é para ser um negro enfrentando dificuldades, os Estados Unidos provavelmente são o melhor lugar para isso. Mas não éramos pobres. Deixe-me esclarecer. Meu pai trabalhava duro na Buck's Sporting Goods de dia e ainda fazia bicos à noite, e minha mãe passava muitas horas arrumando bandejas num restaurante a quilo para eu agir como se não tivéssemos onde cair mortos. Quero deixar claro que tínhamos.

Eu, Olive e Grande Roy éramos uma família de três e morávamos numa sólida casa de tijolos num quarteirão seguro. Eu tinha meu próprio quarto e, quando Grande Roy construiu um puxadinho, passei a ter meu próprio banheiro. Quando meus pés cresciam mais do que meus sapatos comportavam, os novos nunca demoravam a chegar. Ainda que eu tenha recebido ajuda financeira, meus pais fizeram sua parte para me mandar para a faculdade.

Mesmo assim, a verdade é que não havia nada sobrando. Se minha infância fosse um sanduíche, não haveria carne saindo para fora do pão. Tínhamos o que era necessário e nada mais. “E nada menos”, diria minha mãe, me envolvendo depois em um dos seus abraços apertados.

Quando cheguei a Atlanta, achava que tinha a vida toda pela frente – incontáveis resmas de papel em branco. E você sabe o que dizem: um ex-aluno do Morehouse tem sempre uma caneta a postos. Dez anos depois, minha vida estava no auge. Quando alguém perguntava: “De onde você é?”, eu respondia “De A.!”; íntimo da cidade a ponto de me referir a ela pelo apelido. Quando queriam saber sobre minha família, eu falava de Celestial.

Fazia um ano e meio que estávamos casados, e éramos felizes até então, pelo menos eu era. Talvez não demonstrássemos a felicidade como outras pessoas, mas não éramos da variedade comum de negros burgueses em Atlanta, na qual o marido dorme com o laptop embaixo do travesseiro e a mulher sonha com joias da Tiffany. Eu era jovem, ávido e estava em ascensão. Celestial era artista plástica, intensa e linda. Éramos como os personagens de *Uma loucura chamada amor*, só que adultos. O que posso dizer? Sempre tive uma queda por mulheres que brilham. Quando você está com elas, sabe que está em algo profundo, nada desse negócio de uma vez só e tchau. Antes de Celestial, namorei outra garota, também nascida e criada em A. Essa garota – sem brincadeira – apontou uma arma para mim no baile de gala da Liga Urbana Nacional! Nunca vou me esquecer daquele revólver .22 prateado com cabo de madrepérola rosa. Ela o apontou por dentro da bolsa, embaixo da mesa à qual estávamos sentados comendo bife com batatas gratinadas. Disse que sabia que eu a estava traindo com uma garota da Black Bar Association. Como posso explicar? Eu estava com medo, mas ao mesmo tempo não estava. Só uma garota de Atlanta consegue ser tão elegante enquanto faz algo tão sinistro. Isso era a paixão falando, admito, mas não soube muito bem se deveria pedi-la em casamento ou chamar a polícia. Terminamos o namoro antes do amanhecer, e não foi por decisão minha.

Depois da Pistoleira, perdi o jeito com as garotas durante certo tempo. Lia o noticiário, como todo mundo, e ouvia falar de uma suposta escassez de homens negros, mas parecia que a boa notícia ia demorar a causar um impacto na minha vida social. Toda mulher por quem eu me interessava já tinha outra pessoa na fila.

Um pouco de concorrência é saudável para todas as partes envolvidas, mas a partida da Pistoleira penetrou na minha pele feito bicho-de-pé e me fez ir para Eloé durante alguns dias, para bater um papo com Grande Roy. Meu pai tem um certo ar de onipresença, como se já estivesse por aqui

antes de você aparecer e fosse continuar sentado na mesma espreguiçadeira muito depois de você ter ido embora.

– Você não quer se envolver com nenhuma mulher que aponte uma arma de fogo para você, filho.

Tentei explicar que o que tornava a situação notável era o contraste entre o clima de bandidagem da pistola e o brilho da noite. Além disso:

– Ela estava só brincando, pai.

Grande Roy assentiu e sugou a espuma do seu copo de cerveja.

– Se é assim que ela brinca, o que vai acontecer quando ficar com raiva?

Da cozinha, como se falasse através de um intérprete, minha mãe gritou:

– Pergunte a ele com quem ela está agora! Ela pode ser maluca, mas não é doida. Ninguém dispensaria o Pequeno Roy sem ter alguém no banco de reserva.

– Sua mãe quer saber com quem ela está agora – disse Grande Roy, como se não estivéssemos todos falando inglês.

– Um advogado qualquer. Não do tipo Perry Mason. Um que lida com contratos. Mexe com papelada também.

– Você não mexe com papelada também? – perguntou Grande Roy.

– É totalmente diferente. Ser representante de vendas é temporário. Além disso, meu destino não é cuidar de papelada. Só calhou de eu estar fazendo isso agora.

– Sei – falou Grande Roy.

Minha mãe continuou agindo como se não falássemos a mesma língua:

– Diga que ele vive deixando essas garotas de pele clara ferirem os sentimentos dele. Diga que ele precisa lembrar de algumas garotas aqui da paróquia de Allen. Diga que ele precisa ter alguém a seu lado enquanto sobe na vida.

– Sua mãe falou... – começou Grande Roy.

– Eu escutei, e ninguém disse que a tal garota tinha a pele clara.

Mas obviamente tinha, e minha mãe tem um sexto sentido com relação a isso.

Olive saiu da cozinha secando as mãos num pano de prato listrado.

– Não fique com raiva. Não estou tentando me meter na sua vida.

Ninguém consegue de fato agradar a mãe quando se trata de mulheres. Todos os meus amigos dizem que a mãe deles vive avisando: “Se ela não usa o mesmo tipo de pente que você, não a traga para casa.” As revistas *Ebony*

e *Jet* juram que qualquer homem negro com dois tostões no bolso prefere as brancas. Quanto a mim, sou estritamente ligado às negras, e minha mãe tem o desprante de se preocupar com o tom específico da pele da que eu tinha escolhido.

Mas seria de esperar que ela gostaria de Celestial. As duas tinham tanto em comum que elas é que poderiam ser parentes uma da outra. Ambas tinham aquela beleza *clean*, tipo a Thelma do seriado *Good Times*, a primeira personagem de TV por quem eu tive uma quedinha. Mas não, para minha mãe, Celestial tinha a aparência certa, só que pertencia a um mundo diferente. Grande Roy, por outro lado, era tão fascinado por Celestial que, se eu não me casasse com ela, ele se casaria. No entanto, nada disso a fazia marcar pontos com Olive.

– Só tem uma coisa que vai fazer sua mãe gostar pelo menos um pouco de mim – sentenciou Celestial certa vez.

– E o que seria?

– Um bebê – respondeu ela com um suspiro. – Sempre que eu a vejo, ela me olha de cima a baixo como se os netos dela fossem reféns dentro do meu corpo.

– Que exagero.

Mas a verdade era que eu conhecia minha mãe. Depois de um ano eu estava preparado para colocar esse bloco na rua, criando uma nova geração com um conjunto de regras e regulamentos atualizados.

Não que houvesse algo errado no modo como qualquer um de nós tinha sido criado. Mas o mundo está mudando, então o modo como a gente cria os filhos também precisa mudar. Parte do meu plano era jamais falar sobre colheita de algodão. Meus pais sempre falavam sobre algodão, real ou metafórico. Os brancos dizem: “É melhor do que cavar uma vala”; os negros dizem: “É melhor do que colher algodão.” Não vou lembrar aos meus filhos que alguém morreu para que eu fizesse coisas comuns do dia a dia. Não quero Roy III sentado no cinema, tentando assistir a *Star Wars* ou qualquer outro filme, pensando no fato de que estar ali comendo pipoca é um direito que custou a vida de alguém. Nada disso. Ou talvez só um pouco. Precisaremos acertar a medida. Já Celestial promete que nunca vai dizer que eles precisam ser duplamente melhores que qualquer branco para receber metade do que eles recebem. “Mesmo que seja verdade”, me disse certa vez, “como é que alguém diz esse tipo de coisa a uma criança de 5 anos?”

Ela era o equilíbrio perfeito em uma mulher – não fazia o tipo corporativo de *tailleur*, mas usava sua ancestralidade como o brilho num sapato de couro legítimo. Além disso, se comportava como artista sem chegar ao nível da loucura. Em outras palavras, não guardava uma pistola na bolsa, mas também não lhe faltava paixão. Celestial gostava de fazer as coisas a seu modo e dava para perceber isso só de olhar para ela. Era alta – 1,75 –, mais alta do que o próprio pai. Sei que altura é questão de sorte, mas parecia que ela tinha escolhido ser assim. Seu cabelo, grande e revoltado, deixava um pouquinho mais alta que eu. Mesmo antes de saber que ela era um gênio com agulha e linha, você perceberia que estava lidando com uma pessoa especial. Ainda que algumas pessoas – e com “algumas pessoas” quero dizer minha mãe – não conseguissem ver, tudo isso faria dela uma mãe excelente.

Tenho uma certa intenção de perguntar a ela se podemos chamar nosso filho – ou filha – de Futuro ou Futura.

Por mim, já estaríamos com o bebê encomendado na lua de mel. Visualize nós dois numa cabana sobre o oceano, com piso de vidro. Eu nem sabia que *existiam* coisas assim, mas quando Celestial me mostrou o panfleto fingi sacar tudo, dizendo a ela que aquilo estava na minha lista de desejos. Lá estávamos nós, relaxando acima do oceano, nos curtindo. O casamento tinha sido mais de um dia antes, porque Bali ficava a 23 horas de distância, na primeira classe. Para a cerimônia, Celestial estava arrumada como uma versão boneca de si mesma. Todo aquele cabelo maluco foi preso num coque de bailarina e a maquiagem fez com que ela parecesse estar ruborizando. Quando a vi flanando pelo corredor entre os bancos, vindo na minha direção, ela e o pai riam como se aquilo tudo não passasse de um ensaio geral. Lá estava eu, sério como quatro ataques cardíacos e um derrame, mas então ela me olhou e franziu os lábios pintados de rosa num beijinho e eu saquei a piada. Ela estava dando a entender que tudo aquilo – as menininhas segurando a cauda do vestido, meu paletó, até as alianças no meu bolso – era só um teatro. O real era a dança da luz nos olhos dela e nosso sangue correndo rápido nas veias. E então eu também sorri.

Em Bali aquele penteado já tinha sumido havia muito tempo e ela estava com um afro estilo anos 70, usando apenas glitter corporal.

– Vamos fazer um bebê – falei.

Ela gargalhou.

– É assim que você quer me pedir isso?



– Estou falando sério.

– Por enquanto não, papai. Mas em breve.

Nas nossas bodas de papel eu escrevi num pedaço de papel: “Em breve tipo agora?”

Ela o virou e escreveu no verso: “Em breve tipo ontem. Fui ao médico e ele disse que todos os sistemas estão em ordem.”

Mas foi outro pedaço de papel que encalacrou a gente: meu próprio cartão de visita. Tínhamos voltado para casa depois do nosso jantar de aniversário de casamento no Beautiful Restaurant, um lugar meio lanchonete, meio café na Cascade Road. Não era chique, mas foi onde pedi a mão dela. Ela dissera: “Sim, mas guarde esse anel antes que assaltem a gente.”

No aniversário de casamento voltamos para um banquete de carne, macarrão com queijo e torta de milho. Depois fomos comer a sobremesa em casa, duas fatias do nosso bolo de casamento que estavam no freezer havia 365 dias, esperando para ver se continuaríamos juntos ao final daquele ano. Não contente em deixar a coisa nesse pé, abri a carteira para mostrar a foto dela que eu guardava ali. Enquanto tirava a foto, meu cartão de visita caiu e pousou suavemente ao lado das fatias de bolo de Amaretto. No verso, em tinta roxa, estava o primeiro nome e o telefone de uma mulher, o que já era bem ruim. Mas Celestial notou mais três números, que ela presumiu que fossem de um quarto de hotel.

– Tenho uma explicação para isso – falei.

A verdade era simples: eu gostava de mulheres. Curtia um flerte recreativo. Às vezes colecionava números de telefone como se ainda estivesse na faculdade, mas em 99,997% dos casos o negócio parava por aí. Eu só gostava de saber que ainda levava jeito para a coisa. Nada de mais, certo?

– Explique, então – disse ela.

– Ela enfiou no meu bolso.

– Como ela enfiou no seu bolso seu próprio cartão de visita?

Celestial estava furiosa e isso me deixou com um pouco de tesão, como o estalo no forno antes de o fogo pegar.

– Ela pediu meu cartão. Achei que fosse algo inocente.

Celestial se levantou, recolheu os pratos com o bolo e os jogou no lixo, e que se danasse a porcelana do casamento. Voltou à mesa, pegou sua taça de espumante rosé e engoliu a bebida de uma vez como se fosse um *shot* de tequila. Depois arrancou a que estava na minha mão, bebeu minha parte e

jogou as taças no lixo também. Quando elas quebraram, fizeram um som de sino.

– Você é tão mentiroso! – exclamou ela.

– Mas onde estou agora? – falei. – Aqui, com você. Na nossa casa. É com você que eu vou para a cama toda noite.

– Na porra do nosso aniversário de casamento. – Agora a fúria dela estava se transformando em tristeza. Ela se sentou na cadeira do café da manhã. – Por que casar, se você queria me trair?

Não mencionei que era preciso estar casado para trair. Em vez disso, falei a verdade.

– Eu nunca nem liguei para essa mulher. – Sentei-me ao lado dela. – Eu te amo. – Falei isso como se fosse uma fórmula mágica. – Feliz aniversário de casamento.

Ela deixou que eu a beijasse, o que era um bom sinal. Senti o gosto do espumante rosé nos seus lábios. Já estávamos sem roupa quando ela mordeu minha orelha com força.

– Você é muito mentiroso. – Depois ela esticou o braço até meu criado-mudo e pegou uma embalagem metalizada brilhante de camisinha. – Pode ir colocando, queridinho.

Sei que há pessoas que diriam que nosso casamento estava em crise. As pessoas dizem um monte de coisas quando não sabem o que acontece entre quatro paredes. Mas como testemunha, e inclusive como membro, do nosso relacionamento, estou convencido de que era o contrário. Não era pouca coisa o fato de eu deixá-la furiosa com apenas um pedaço de papel e ela me deixar furioso com uma camisinha.

É, nós éramos um casal casado, mas ainda éramos jovens e estávamos apaixonados. Um ano havia se passado e a chama continuava acesa.

O negócio é o seguinte: é um desafio ser 2.º. No papel nós somos uma versão adulta dos personagens da nossa série de TV favorita. Só que na vida real Celestial e eu somos algo que Hollywood nunca imaginou. Ela era talentosa e eu era o seu empresário e seu muso inspirador. Não é que eu ficasse deitado como vim ao mundo posando para ela me desenhar. Não, eu simplesmente vivia minha vida e ela observava. Quando estávamos noivos, ela venceu um concurso com uma escultura de vidro. De longe parecia uma bola de gude, mas quando você chegava perto e olhava do ângulo correto, dava para ver as linhas do meu perfil num redemoinho lá dentro. Alguém

ofereceu 5 mil dólares pela obra, mas Celestial não quis abrir mão dela. Isso não acontece quando um casamento está em perigo.

Ela fazia as coisas por mim e eu também fazia tudo por ela. Antigamente, quando você trabalhava para que sua mulher não precisasse, chamavam isso de “colocar comida na mesa”. Um dos objetivos de Grande Roy era fazer isso para Olive, mas nunca deu certo. Em homenagem a ele, e talvez a mim mesmo, eu trabalhava o dia todo para que Celestial pudesse ficar em casa fazendo bonecas, seu principal meio artístico. Eu curto as bolas de gude com qualidade de peça de museu e os desenhos delicados, mas as bonecas eram algo que uma pessoa comum podia apoiar. Minha visão era uma linha de bonecas de pano que venderíamos no atacado. Você poderia colocá-las numa prateleira ou abraçá-las até o enchimento começar a sair. Ainda existiriam os trabalhos de alto nível, feitos sob encomenda, e as peças de arte. Essas poderiam valer cinco dígitos, facilmente. Mas seriam as bonecas do dia a dia que a tornariam famosa. E, veja bem, por acaso eu estava certo.

Sei que tudo isso são águas passadas, e não de um riachinho manso. Mas, para ser justo, preciso contar essa história inteira. Nós só estávamos casados havia um ano e pouco, mas foi um ano bom. Até ela precisaria admitir.

UM METEORO ACERTOU NOSSA VIDA no fim de semana do Dia do Trabalho, quando fomos a Eloé visitar meus pais. Fomos de carro, porque eu gostava de pegar a estrada. Voar de avião me lembrava trabalho. Na época eu era representante de uma empresa de material didático, especializada em livros de matemática, apesar de meu talento para números terminar na tabuada de 12. Eu era bem-sucedido porque sabia vender meu peixe. Na semana anterior tinha fechado um belo negócio na faculdade onde estudei e estava correndo atrás de outra na Georgia State. Isso não me tornava um magnata, mas eu esperava um bônus gordo o suficiente para começar a pensar numa casa nova. Não havia nada de errado com nossa moradia atual, uma sólida propriedade estilo rancho em uma rua calma. Só que tinha sido presente de casamento dos pais dela, o lar da infância de Celestial, passado para a filha única, e só para ela. Parecia uma coisa de gente branca. Mas eu queria voltar todo dia para uma casa que tivesse o meu nome na escritura.

Isso estava na minha mente, mas não no meu humor, enquanto seguíamos pela I-10 a caminho de Eloé. Depois da discussão no nosso aniversário

de casamento nós nos entendemos e estávamos de volta às boas. Um hip-hop das antigas tocava no som do nosso Honda Accord, um tipo de carro de família com dois bancos vazios atrás.

Depois de seis horas liguei a seta na saída 163. Enquanto passávamos para uma estrada de duas pistas, senti uma mudança em Celestial. Seus ombros ficaram um pouco mais tensos e ela começou a mordiscar as pontas dos cabelos.

– O que foi? – perguntei, baixando o volume do melhor disco de hip-hop da história.

– Só estou nervosa.

– Com o quê?

– Você já teve a sensação de que deixou o forno ligado?

Aumentei o volume do som de novo.

– Então ligue para o seu amigo Andre.

Celestial remexeu no cinto de segurança como se ele estivesse roçando seu pescoço de um jeito incômodo.

– Sempre sinto isso quando estou perto dos seus pais. Fico sem jeito, você sabe.

– Meus pais?

Olive e Grande Roy são as pessoas mais simples do mundo. Os pais de Celestial, por outro lado, não são o que se chamaria de acessíveis. O pai dela é um cara baixinho, tipo pintor de rodapé, com um imenso afro tipo Frederick Douglass – até o repartido do lado –, e, para completar, é uma espécie de gênio inventor. A mãe dela trabalhava com educação, não como professora ou diretora, mas como vice-superintendente de todo o sistema escolar. E já contei que o pai dela tirou a sorte grande há uns dez anos, inventando um composto que impede que o suco de laranja decante tão rápido? Ele vendeu a fórmula para a Minute Maid e desde então eles nadam em dinheiro. A mãe e o pai dela é que são casca-grossa. Perto deles Olive e Grande Roy são fichinha.

– Você sabe que meus pais amam você – falei.

– Eles amam  *você*.

– E eu amo você, então eles amam você também. É matemática básica.

Celestial olhou pela janela enquanto os pinheiros magros passavam a toda a velocidade.

– Não estou me sentindo bem com relação a isso, Roy. Vamos para casa.

Minha mulher tem uma queda por dramas. Mesmo assim havia uma pequena hesitação em suas palavras que só posso descrever como medo.

– O que foi?

– Não sei. Mas vamos voltar.

– O que eu vou dizer à minha mãe? Você sabe que a essa hora ela já está com o jantar quase todo pronto.

– Pode me culpar. Diga que é tudo minha culpa.

Pensar em tudo isso agora é como assistir a um filme de terror e imaginar por que os personagens estão tão decididos a ignorar os sinais de perigo. Quando uma voz espectral diz: VÁ EMBORA, você deve obedecer. Mas na vida real a gente não sabe que está num filme assustador. Você acha que sua mulher está sendo sentimental demais. Espera silenciosamente que seja por ela estar grávida, porque um bebê é tudo que você precisa para trancar essa porta e jogar a chave fora.

QUANDO CHEGAMOS À CASA DOS meus pais, Olive estava esperando na varanda da frente. Minha mãe gosta de perucas, e dessa vez estava usando uma de cachos cor de pêssego em conserva. Entrei no quintal e estacionei perto do para-choque do Chrysler do meu pai, puxei o freio de mão, abri a porta e subi a escada de dois em dois degraus a tempo de encontrar minha mãe na metade dela, com um abraço preparado. Ela era bem baixinha, por isso curvei as costas para levantá-la do chão e ela deu um riso musical como um xilofone.

– Pequeno Roy – falou. – Você está em casa.

Assim que a coloquei de volta no chão, olhei por cima do ombro e não vi nada além de ar, então desci a escada outra vez, de novo de dois em dois degraus. Abri a porta do carro e Celestial estendeu o braço. Juro que *ouvi* minha mãe revirar os olhos enquanto eu ajudava minha mulher a sair do Honda.

– É UM TRIÂNGULO – explicou Grande Roy enquanto bebíamos um conhaque no escritório, Olive se ocupava na cozinha e Celestial ia ao banheiro.

– Eu tive sorte – continuou ele. – Quando conheci sua mãe, nós dois éramos livres. Meus pais tinham morrido e os dela moravam em Oklahoma e agiam como se ela nunca tivesse nascido.

– Elas vão se entender – falei a Grande Roy. – Celestial demora um pouco para se acostumar com as pessoas.

– Sua mãe não é exatamente uma Doris Day – disse ele, concordando, e nós fizemos um brinde às mulheres difíceis pelas quais éramos apaixonados.

– Vai melhorar quando nós tivermos um filho.

– Verdade. Um neto é capaz de aplacar uma fera selvagem.

– Quem você está chamando de fera? – perguntou minha mãe, vindo da cozinha e se sentando no colo de Grande Roy como uma adolescente.

Celestial entrou pela outra porta, revigorada, linda e cheirando a tangerina. Como eu estava aninhado na poltrona e meus pais bancando os pom-binhos no sofá, não sobrou lugar para ela, então dei um tapinha na minha coxa, chamando-a. Corajosamente, ela se empoleirou no meu colo e nós parecíamos estar num esquisito encontro duplo por volta de 1952.

Minha mãe se endireitou.

– Celestial, ouvi dizer que você está famosa.

– Hã? – disse ela, e se remexeu um pouco para sair do meu colo, mas eu a segurei ali.

– A revista – falou minha mãe. – Por que você não disse que estava fazendo a diferença no mundo?

Celestial ficou tímida.

– É só um informativo de ex-alunos.

– É uma revista – insistiu minha mãe, pegando o exemplar lustroso na mesinha de centro e abrindo-o numa página com o canto dobrado.

A imagem mostrava Celestial segurando uma boneca que representava Josephine Baker. “Artistas em Ascensão” era o título em letras garrafais.

– Eu mandei a revista – admiti. – O que posso fazer? Estou orgulhoso.

– É verdade que pagam 5 mil dólares pelas suas bonecas? – perguntou Olive com os lábios franzidos e os olhos semicerrados.

– Geralmente, não – respondeu Celestial.

Mas eu falei ao mesmo tempo:

– Isso mesmo. Você sabe que eu sou o empresário dela. Acha que eu ia deixar que pagassem mal à minha mulher?

– Cinco mil dólares por uma boneca? – Olive se abanou com a revista, fazendo seu cabelo cor de pêssego em conserva esvoaçar. – Acho que foi para isso que Deus inventou os brancos.

Grande Roy deu uma risadinha e Celestial lutou como um besouro para se livrar do meu colo.

– A foto não faz jus – disse ela, parecendo uma menininha. – O adereço de cabeça é bordado à mão com contas e...

– Com 5 mil dólares dá para comprar um *monte* de contas – observou minha mãe.

Celestial me olhou e, numa tentativa de conciliação, falei:

– Mãe, não odeie o jogador, odeie o jogo.

Se você tem uma mulher, você sabe exatamente quando falou a coisa errada. De algum modo ela reorganiza os íons do ar e você não consegue respirar tão bem.

– Não é um jogo. É arte. – O olhar de Celestial pousou nas gravuras em estilo africano emolduradas na parede. – Estou falando de arte de verdade.

Grande Roy, um mestre da diplomacia, disse:

– Talvez, se a gente pudesse ver uma pessoalmente...

– Tem um boneco no carro – falei. – Vou pegar.

O BONECO, ENROLADO NUMA MANTA macia, parecia uma criancinha de verdade. Essa era uma das peculiaridades de Celestial. Para uma mulher, digamos, apreensiva com relação à maternidade, ela era muito protetora para com essas criações de pano. Eu já havia tentado dizer que ela precisaria praticar o desaparego quando abrísssemos nossa loja. As *poupées*, como as bonecas eram chamadas, seriam vendidas por uma fração do preço das peças de arte, como a que eu estava segurando. Teriam que ser costuradas com rapidez e, assim que a moda pegasse, produzidas em massa. Adeus, mantas de caxemira. Mas eu respeitei seu apego àquele boneco específico, que tinha sido uma encomenda do prefeito de Atlanta para presentear sua chefe de gabinete, que esperava um bebê para a época de Ação de Graças.

Quando abri a manta para minha mãe olhar o rosto do boneco, ela deu um suspiro de emoção. Dei uma piscadela para Celestial, que foi gentil a ponto de realinhar os íons do ar, para que eu pudesse respirar de novo.

– É você – disse Olive, pegando o boneco das minhas mãos, tendo o cuidado de sustentar a cabecinha.

– Eu usei a foto dele – trinou Celestial. – Roy é minha inspiração.

– Foi por isso que ela se casou comigo – brinquei.

– Não foi o único motivo – disse ela.

Dava para ver que foi um momento mágico porque minha mãe não teve uma única palavra para dizer. Seu olhar estava na trouxinha em seu colo enquanto meu pai se juntava a ela e espiava por cima dos seus ombros.

– Usei cristais austríacos para o cabelo – continuou Celestial, ficando empolgada. – Vire para captar a luz.

Minha mãe obedeceu e a cabeça do boneco brilhou quando a luz comum das lâmpadas da casa refletiu no pequeno gorro de contas pretas.

– É como um halo – disse minha mãe. – É assim quando você tem um bebê de verdade. Ele é o seu anjo.

Ela foi até o sofá e pôs o boneco numa almofada. Foi uma experiência esquisita, porque o boneco se parecia mesmo comigo, ou pelo menos com as fotos de quando eu era bebê. Era como olhar num espelho encantado. Em Olive, pude ver a garota de 16 anos que ela havia sido, mãe cedo demais, porém delicada como a primavera.

– Eu poderia comprar isso de você?

– Não, mamãe – falei, com o orgulho saltando do peito. – É uma encomenda especial. Dez mil na mão, conseguidos por este seu criado aqui!

– Claro – reagiu ela, dobrando a manta sobre o boneco como se fosse uma mortalha. – Para que eu preciso de um boneco? Uma velha feito eu?

– Pode ficar com ele – disse Celestial.

Lancei-lhe o olhar que ela diz que é minha expressão Gary Coleman. O contrato especificava a entrega no fim do mês. O prazo era mais do que rigoroso: era registrado em cartório em triplicata. Não havia opção de adiamento.

Sem sequer me olhar, Celestial acrescentou:

– Posso fazer outro.

– Não – disse Olive. – Não quero atrapalhar você. É só que ele se parece demais com o Pequeno Roy.

Estendi a mão para pegar o boneco, mas minha mãe não estava exatamente soltando-o e Celestial não estava exatamente facilitando as coisas. Ela fica louca quando alguém gosta do seu trabalho. Essa era outra coisa que precisaríamos ajustar se quiséssemos transformar aquilo num negócio de verdade.

– Pode ficar com ele – repetiu Celestial, como se não estivesse há três meses trabalhando naquele boneco. – Posso fazer outro para o prefeito.



Agora foi a vez de Olive agitar os íons.

– Ah, o prefeito. Bom, desculpe! – Ela me entregou o boneco. – Ponha de volta no carro antes que eu o suje. Não quero que você me mande uma conta de 10 mil dólares.

– Eu não falei nesse sentido – explicou Celestial, olhando para mim como se pedisse desculpa.

– Mãe – pedi.

– Olive – disse Grande Roy.

– Sra. Hamilton – disse Celestial.

– Está na hora do jantar – declarou minha mãe. – Espero que vocês todos ainda gostem de batata-doce caramelada e folhas de mostarda.

JANTAMOS, NÃO EM SILÊNCIO, MAS ninguém falou de nada. Olive estava com tanta raiva que estragou o chá gelado. Bebi um longo gole, esperando um sabor doce e suave, e engasguei com o gosto de sal kosher. Pouco depois meu diploma do ensino médio caiu da parede e uma rachadura riscou o vidro de alto a baixo. Sinais? Talvez. Mas eu não estava pensando em mensagens vindas do além. Estava distraído demais por me ver naquela situação entre as duas mulheres que eu valorizava acima de qualquer coisa. Não é que eu não saiba me virar em situações difíceis. Todo homem sabe como estar presente em várias frentes. Mas com minha mãe e Celestial eu me sentia realmente dividido ao meio. Olive me pôs no mundo e me ensinou a ser este homem que eu reconheço como eu. Mas Celestial era a chave para o resto da minha vida, a porta reluzente para o próximo nível.

A sobremesa era um bolo típico do Sul, meu predileto, mas a disputa por causa daquele boneco de 10 mil dólares acabou com meu apetite. Mesmo assim, me servi de duas fatias com redemoinhos de canela entremeados, porque todo mundo sabe que a melhor forma de piorar uma situação já ruim com uma mulher do Sul é recusar a comida que ela fez. Então comi feito um morto de fome, e Celestial também, apesar de nós dois termos jurado que manteríamos distância de açúcar refinado.

Assim que tiramos a mesa, Grande Roy disse:

– Pronto para subir com as malas?

– Não, Grandão – respondi com a voz baixa. – Reservei um quarto no Piney Woods.

- Você prefere aquela espelunca à sua própria casa? – perguntou Olive.
- Quero levar Celestial de volta ao começo de tudo.
- Você não precisa ficar lá para isso.

Mas a verdade é que eu precisava. A história da minha vida tinha de ser contada longe das tendências revisionistas dos meus pais. Depois de um ano de casamento, ela merecia saber com quem estava casada.

- Foi ideia sua? – perguntou minha mãe a Celestial.

- Não, senhora. Fico satisfeita em ficar aqui.

- Foi ideia minha – falei, apesar de Celestial estar feliz porque íamos ficar no hotel.

Ela disse que nunca se sentia bem com a gente dormindo debaixo do teto dos meus pais ou dos dela, apesar de sermos casados no papel, etc. Na última vez em que estivemos aqui ela pôs uma camisola estilo camponesa, apesar de geralmente dormir *au naturel*.

- Mas eu arrumei o quarto – disse Olive, subitamente recorrendo a Celestial.

As duas se entreolharam de um modo que um homem jamais olha para outro. Por um instante elas estavam sozinhas na casa.

- Roy. – Celestial se virou para mim, estranhamente amedrontada. – O que você acha?

- Nós voltamos de manhã, mãe – falei, dando-lhe um beijo. – Biscoitos e mel.

QUANTO TEMPO DEMORAMOS PARA IR embora da casa da minha mãe? Talvez seja só impressão, vendo agora em retrospectiva, mas todo mundo, a não ser eu, parecia estar com pedras amarradas aos sapatos. Enquanto finalmente passávamos pela porta, meu pai entregou a Celestial o boneco em sua mortalha. Carregava-o desajeitadamente, como se não conseguisse decidir se aquilo era um objeto ou um ser.

- Deixe-o pegar um pouco de ar fresco – disse minha mãe, puxando a manta.

O sol poente laranja iluminou o halo.

- Pode ficar com ele – falou Celestial. – De verdade.

- Esse é para o prefeito – respondeu Olive. – Você pode fazer outro para mim.

– Ou, melhor ainda, pode fazer um de verdade – afirmou Grande Roy, fazendo com as mãos grandes um gesto de barriga de grávida.

Sua gargalhada quebrou qualquer feitiço que estivesse nos prendendo à casa, e conseguimos ir embora.

O humor de Celestial melhorou assim que entramos no carro. Qualquer vestígio de baixo astral ou nervosismo que a estivesse incomodando sumiu assim que chegamos à estrada. Ela soltou as tranças francesas das laterais da cabeça, aninhou a cabeça entre os joelhos e começou a desfazê-las, afofando o cabelo. Quando se sentou de novo tinha voltado ao normal, um tumulto de cabelos e um sorriso malicioso.

– Ah, meu Deus, aquilo foi esquisito – disse.

– Nem fale. Nem entendi o que aconteceu.

– Bebês. Acho que o desejo de ter netos deixa até os pais normais pirados.

– Os seus, não – falei, pensando nos pais dela, frios como um pote de sorvete.

– Ah, sim, os meus também. Eles se controlam na sua frente. Todos precisam fazer terapia.

– Mas nós estamos tentando ter filhos. Que diferença faz se eles também querem bebês? Não é bom ter algo em comum?

A CAMINHO DO HOTEL, PAREI NO acostamento logo antes de atravessarmos uma ponte suspensa fora de escala em relação ao Aldridge, que os mapas chamam de rio mas que é basicamente um córrego amigável.

– O que você está calçando?

– Um sapato com salto anabela.

– Você consegue andar com ele?

Ela pareceu sem graça por causa dos sapatos, uma construção arquitetônica com tiras estampadas de bolinhas e cortiça.

– Como eu iria impressionar sua mãe usando sandália rasteirinha?

– Não se preocupe, estamos perto – falei descendo por um barranco suave enquanto ela dava passinhos de bebê atrás de mim. – Segure o meu pescoço – instruí, pegando-a como uma noiva e carregando-a pelo resto do caminho.

Ela grudou o rosto no meu pescoço e suspirou. Eu jamais admitiria, mas gostava de ser mais forte do que ela, de como era capaz de literalmente

tirá-la do chão. Celestial tampouco admitia, mas sei que também gostava. Chegando à margem do riacho, coloquei-a no chão macio.

– Está ficando pesada, garota. Tem certeza de que não está grávida?

– Rá, rá, muito engraçado. – Ela levantou os olhos. – Isso aí é um bocado de ponte para um fiozinho de água.

Sentei-me no chão e apoiei as costas numa das colunas de metal, como se fosse a grande noqueira do nosso quintal da frente. Abri as pernas e dei um tapinha no espaço entre elas. Celestial se sentou ali e eu cruzei os braços à frente do seu peito, apoiando o queixo onde seu pescoço encontrava o ombro. O riacho ao nosso lado estava límpido; a água corria em cima de pedras lisas e o crepúsculo delineava as ondulações com prata. Minha mulher cheirava a lavanda e bolo de coco.

– Antes de construírem a represa e a água baixar – comentei –, eu e papai vínhamos aqui aos sábados, com linhas de pesca e iscas. De certa forma a paternidade é isso: sanduíches de mortadela e refrigerante de uva.

Ela riu, sem saber até que ponto eu estava falando sério. Acima de nós, um carro passou pela malha metálica e o vento através dos buracos soava como uma melodia, como quando a gente sopra de leve no gargalo de uma garrafa.

– Quando passam muitos carros, é quase uma música inteira – comentei.

Ficamos sentados, esperando carros, ouvindo a música da ponte. Nosso casamento era bom. Não é só a memória falando.

– Geórgia – falei, usando seu apelido. – Minha família é mais complicada do que você acha. Minha mãe...

Mas não consegui dizer o resto da frase.

– Tudo bem – garantiu ela. – Não estou chateada. Ela ama você, só isso.

Ela se virou para mim e nós nos beijamos feito adolescentes namorando embaixo da ponte. Era uma sensação maravilhosa sermos adultos e ainda jovens. Estarmos casados mas não acomodados. Amarrados porém livres.

MINHA MÃE TINHA EXAGERADO. O Piney Woods era cotado com uma estrela e meia segundo uma avaliação objetiva, mas você precisa dar mais uma estrela só por ser o único hotel da cidade. Séculos antes eu tinha levado uma garota lá, depois do baile de formatura, esperando me livrar desse

negócio chamado virgindade. Empacotei um monte de compras no mercado local para pagar pelo quarto, pela garrafa de Asti Spumante e alguns outros acessórios românticos. Até passei pela lavanderia e troquei notas por moedas de 25 centavos para operar a cama vibratória. A noite acabou sendo uma comédia de erros. A cama massageadora engoliu seis moedas antes de finalmente ligar, ribombando alto como um cortador de grama. Além disso, a garota usava um vestido com armação de metal embaixo da saia que pulou para cima e me acertou bem no nariz quando eu estava tentando conhecê-la melhor.

Quando chegamos e nos acomodamos no quarto, contei essa história a Celestial, esperando que ela fosse rir. Em vez disso, ela falou:

– Venha cá, querido.

E me deixou apoiar a cabeça em seus seios, mais ou menos o que a garota do baile de formatura fez.

– Parece que estamos acampando – falei.

– Parece mais um intercâmbio em outro país.

Buscando o olhar dela no espelho, eu disse:

– Eu quase nasci neste hotel. Olive trabalhava aqui, fazendo a limpeza.

Na época o Piney Woods tinha outro nome, e havia uma bandeira dos confederados pendurada em todos os quartos. Minha mãe estava lavando uma banheira quando a bolsa estourou, mas decidi que eu não começaria a vida embaixo das estrelas e faixas daquela bandeira. Ela fechou as pernas com força até que o dono do hotel, um homem decente apesar da decoração, levou-a de carro pelos 50 quilômetros até Alexandria. O dia era 4 de abril de 1969, exatamente um ano depois da morte de Martin Luther King, e eu dormi minha primeira noite de vida numa enfermaria multirracial. Minha mãe sentiu orgulho disso.

– Onde estava o Grande Roy? – perguntou Celestial, como eu sabia que faria.

A pergunta era justamente o motivo para estarmos ali, então por que eu tinha tanta dificuldade para responder? Eu a tinha conduzido a essa pergunta, mas, assim que ela foi feita, fiquei mudo feito uma pedra.

– Estava trabalhando?

Celestial estava sentada na cama prendendo mais contas no boneco do prefeito, mas meu silêncio atraiu sua atenção. Ela cortou a linha com os dentes, arrematou-a e se virou para me olhar.

– Qual é o problema?

Eu ainda estava mexendo os lábios sem fazer nenhum som. Aquele não era o lugar certo para começar essa história. *Minha* história pode começar no dia em que nasci, mas *a* história começou muito antes.

– Roy, o que foi? O que há de errado?

– Grande Roy não é meu pai de verdade.

Essa era a única frase que eu tinha prometido à minha mãe que nunca diria em voz alta.

– O quê?

– Biologicamente falando.

– Mas o seu nome...?

– Ele me deu o nome dele quando eu era bebê.

Levantei-me da cama e preparei drinques com suco em lata e vodca. Enquanto usava o dedo para misturar as bebidas nos copos, não consegui olhar para ela, nem pelo espelho.

– Há quanto tempo você sabe? – perguntou ela.

– Eles me contaram antes de eu ir para o jardim de infância. Eloe é uma cidade pequena, e não queriam que eu ficasse sabendo no pátio da escola.

– É por isso que você está me contando? Para eu não ouvir na rua?

– Não. Estou contando porque quero que você saiba todos os meus segredos. – Voltei para a cama e lhe entreguei o copo fino de plástico.

– Saúde.

Sem me acompanhar no brinde digno de pena, ela pousou o copo na mesinha de cabeceira cheia de arranhões e reembrulhou cuidadosamente o boneco.

– Roy, por que você faz coisas assim? Nós estamos casados há mais de um ano e nunca lhe ocorreu me contar isso antes de hoje?

Eu estava esperando o resto, as palavras tensas e as lágrimas; talvez estivesse até ansioso por elas. Mas Celestial apenas olhou para o alto e balançou a cabeça. Suspirou e depois soltou o ar.

– Roy, você está fazendo isso de propósito.

– Isso? *Isso* o quê?

– Você me diz que nós estamos formando uma família, que sou a pessoa mais próxima de você em todo o mundo, depois joga uma bomba dessa em cima de mim.

– Não é uma bomba. Que diferença isso faz?

A pergunta era para ser retórica, mas eu ansiava por uma resposta verdadeira. Precisava que ela dissesse que não fazia diferença, que o que importava era eu, e não minha árvore genealógica torta.

– Não é só isso. São os números de telefone na sua carteira, o fato de às vezes você não usar a aliança. E agora isso. Assim que a gente supera uma coisa, vem outra. Se eu não fosse esperta, imaginaria que você está tentando sabotar nosso casamento, o bebê, tudo.

Ela falou como se tudo aquilo fosse culpa minha, como se fosse possível dançar tango sozinho.

Quando eu ficava com raiva, não levantava a voz. Em vez disso, baixava até um registro capaz de ser ouvido com os ossos, e não com os ouvidos.

– Tem certeza de que  *você quer fazer isso? Essa é a saída que você estava esperando? Essa que é a pergunta verdadeira. Eu digo que não conheço o meu pai biológico e você fica em dúvida sobre todo o nosso relacionamento? Olha, eu não contei antes porque isso não tinha nada a ver com a gente.*

– Há algo de errado com você.

O rosto dela no espelho riscado estava totalmente alerta e irado.

– Olha. É por isso que eu não queria contar. E agora? Você sente que não me conhece porque não sabe qual é meu *perfil genético exato? Que tipo de merda burguesa é essa?*

– A questão é que você não me contou. Não me importa que você não saiba quem é seu pai.

– Eu não falei que não sei *quem* ele é. O que você está tentando dizer sobre minha mãe? Que ela não sabia de quem estava grávida? Sério, Celestial? Você quer pegar esse caminho?

– Não tente virar o jogo. Foi você que guardou um segredo do tamanho do mundo.

– O que há para contar? Meu pai biológico se chama Othaniel Jenkins. Só sei isso. De modo que agora você sabe tudo que eu sei. É um segredo do tamanho do mundo? Está mais para o tamanho de um país. Um bem pequenininho.

– Pare de deturpar as coisas.

– Olha. Tente ser compreensiva. Olive não tinha nem 17 anos. Ele se aproveitou dela. Era um homem adulto.

– Estou falando de mim e você. *Nós* somos casados. *Casados*. Não me interessa qual é o nome dele. Você acha que eu me importo com o que a sua mãe...

Virei-me para olhar para ela sem a intermediação do espelho e o que vi me preocupou. Seus olhos estavam meio fechados e ela comprimia os lábios, preparando-se para falar, e eu soube instintivamente que não queria ouvir o que ela ia dizer.

– Dezesete de novembro – falei antes que ela pudesse completar o pensamento.

Outros casais usam palavras de segurança para pedir um tempo durante o sexo violento, mas nós usávamos para pedir um tempo nas palavras duras. Se um dos dois dizia “dezesete de novembro”, o dia do nosso primeiro encontro, a conversa precisava parar durante quinze minutos. Eu puxei o gatilho porque sabia que, se ela dissesse mais uma palavra sobre minha mãe, um de nósalaria algo que não poderia retirar depois.

Celestial levantou as mãos.

– Muito bem. Quinze minutos.

Me levantei e peguei o balde plástico de gelo.

– Vou encher isso.

Quinze minutos é um bom tempo para matar. Assim que eu saísse pela porta, Celestial iria ligar para Andre. Eles tinham se conhecido num cercadinho quando eram tão pequenos que ainda não sabiam nem sentar, por isso são como irmãos. Conheço Dre da faculdade, e foi através dele que conheci Celestial.

Enquanto ela desabafava com Dre, fui até o segundo andar, posicionei o balde na máquina e puxei a alavanca. Cubos de gelo caíram em espasmos. Enquanto eu esperava, passou por mim uma mulher mais ou menos da idade de Olive, pesadona, com rosto gentil e sardento. Seu braço estava em uma tipoia de pano.

– Manguito rotador – disse ela, explicando que dirigir era um desafio, mas que um neto a esperava em Houston, um neto que ela planejava pegar no colo com o braço bom.

Sendo o cavalheiro que minha mãe me criou para ser, carreguei o gelo para ela até o seu quarto, número 206. Devido ao problema, ela tinha dificuldade para abrir e fechar a janela, então eu levantei a vidraça e a sustentei com a Bíblia. Ainda tinha sete minutos, e aí entrei no banheiro e dei



uma de encanador, consertando a descarga, que tinha disparado e feito o vaso parecer as Cataratas do Niágara. Ao sair, alertei-a de que a maçaneta estava solta, que ela deveria verificar direito se estava trancada assim que eu a fechasse. Ela agradeceu; eu a chamei de senhora. Eram 20h48. Sei disso porque olhei o relógio para ver se já podia voltar ao meu quarto.

Bati à porta às 20h53. Celestial tinha preparado dois drinques novos para a gente. Enfiou a mão no balde e colocou mais três cubos de gelo em cada copo. Balançou as bebidas para gelá-las e depois estendeu o braço lindo na minha direção.

E essa foi a última noite feliz que eu tive em muito tempo.

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.  
Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

